

# Socorro ao sistema financeiro consome US\$ 11,07 bilhões

por Mara Luquet  
da Cidade do México

O governo mexicano estima que está gastando 83 bilhões de novos pesos mexicanos (US\$ 11,07 bilhões), para socorrer o sistema financeiro do país. A ajuda oficial chega, pelos cálculos do governo, a 5,1% do Produto Interno Bruto (PIB) mexicano. Mas trata-se de números oficiais.

A estimativa de analistas econômicos é de que o desembolso governamental alcançará uma cifra muito maior, chegando a 8% do PIB. É muito dinheiro. Mas o governo está certo de que não poderia ter sido diferente. "Os recursos servem para apoiar as instituições, não os seus acionistas", diz um dos assessores econômicos do governo mexicano. "Havia risco de um efeito dominó se o público perdesse a confiança no sistema financeiro", acrescenta. Segundo ele, os custos para evitar o colapso no sistema financeiro já foram pagos em grande parte pelo superávit fiscal do governo, que ficou em 1995 em 6% do PIB.

## O índice de reestruturação de crédito é de 19,4% sobre a carteira vencida de todo o sistema financeiro

O que ocorreu no sistema financeiro mexicano é muito parecido com os problemas do sistema financeiro brasileiro, embora com causas diferentes. Nos dois casos o problema foi apenas um: o calote generalizado. Mas ao contrário do Brasil, onde o público se endividou muito além de sua capacidade por conta de uma euforia de consumo, no México a inadimplência foi provocada pela forte recessão que assolou o país após a desvalorização cambial em dezembro de 1994. Empresas com endividamento em dólar, por exemplo, viram seu passivo aumentar em mais de 100% em poucos dias. A onda de inadimplência foi tão forte, que o próprio governo encabeçou uma campanha pedindo à população que, por favor, pagasse suas contas.

O governo lançou mão do Programa de Apoio Imediato aos Devedores dos Bancos (ADE) que consumiu 13,4 bilhões de novos pesos, ou 0,8% do PIB mexicano. Por esse programa, foi fixado um teto de taxas de juro que se pode cobrar dos devedores. A diferença entre as taxas que os devedores pagam aos bancos e o custo real dos bancos para financiar a reestruturação desses créditos é paga pelo governo. Ainda por esse programa foi dada uma trégua judicial aos devedores.

O programa que mais consumiu recursos do governo até agora foi o que prevê a compra das carteiras de créditos vencidos pelo governo. São cerca de 32 bilhões de novos pesos (US\$ 4,27

bilhões) ou 1,9% do PIB gasto pelo governo para a compra de carteiras vencidas. O impacto da inadimplência foi tão alto que os bancos promoveram um rigoroso aperto na avaliação de risco de crédito, mudando radicalmente sua política de concessão de crédito até então. "Antes, qualquer pessoa tomava empréstimo e os cartões de crédito eram dados sem nenhum rigor", avalia um dos economistas do governo.

A política hoje é radicalmente oposta e nos últimos meses é praticamente impossível tomar dinheiro num banco mexicano. O índice de reestruturação de crédito é de 19,4% sobre o total da carteira vencida de todo o sistema financeiro mexicano, que no último mês de novembro somava 132,5 bilhões de novos pesos.

O ritmo de crescimento da carteira vencida de todo o sistema financeiro mexicano vem caindo. Esse crescimento, que foi de 14,7% em março de 1995, chegou ao último mês de novembro a 4%. Hoje é praticamente impossível tomar empréstimos no México. As carteiras de crédito do sistema crescem timidamente, a variação no último mês de novembro foi de 1,2% e chegou a ser negativa em julho, de 1,1%.

A crise no sistema financeiro precipitou também o aparecimento de agências de classificação de risco, tanto para empresas como para pessoas físicas. Disse um dos assessores do governo mexicano que esta era uma figura rara antes da crise. Os bancos não colhiam muitos dados sobre o tomador dos recursos.

Na avaliação do governo, o problema de liquidez dos bancos mexicanos já está superado e o pacote salva-vidas cumpriu seu destino. Os resultados do pacote mostram que 146 bilhões de novos pesos (US\$ 19,47 bilhões) em créditos foram reestruturados, o que representa 35,3% da carteira sujeita a reestruturação. Além disso, o governo comprou 61,4 bilhões de novos pesos (US\$ 8,19 bilhões) da carteira bruta de créditos, o que representa 10% de todos os créditos do sistema. Ainda pelos dados oficiais, 27,6 milhões de novos pesos (US\$ 3,68 milhões) foram injetados pelo setor privado para fortalecer a capitalização dos bancos, o que representa 64% do capital do sistema financeiro em dezembro de 1994.

Por fim, o governo mexicano promoveu uma abertura do sistema financeiro para a entrada de bancos estrangeiros e tornou mais flexíveis as regras para que esses bancos comprem bancos mexicanos com dificuldades. São seis os bancos atualmente sob intervenção ou regime de administração especial: Cremi (processo de venda desse banco já teve início), Unión, Inverlat (está em negociação com o Scotiabank), Banpaís, Oriente y Obrero e Centro (em processo de fusão). ■